



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

QUEM PORFIA...

NOVELA INFANTIL POR LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

O Artur, então, todo contente, as algibeiras cheias e a cabra presa por uma corda, encetou o caminho de regresso à sua aldeia, ao lado do burro que, sentindo a aproximação de casa, zurrava alegremente.

Dai em diante, o Artur entrou em vida nova. Passou a fornecer leite da sua cabrinha ao tio Sebastião Grande e a mais algumas pessoas da aldeia. E todo o dinheiro que apurava, guardava-o muito guardadinho, ao canto da gavêta.

A senhora Inácia não lhe aceitava um tostão.

— «Guarda o teu dinheiro, rapaz. Graças ao Senhor, não preciso dêle, por enquanto. E mais tarde me pagarás, quando fôres um ricoço!...» — dizia ela; a rir, quando o Artur insistia para que recebesse dinheiro dêle.

E o tempo ia correndo. E houve um dia em que o Artur verificou que tinha o suficiente para comprar outra cabra.

— «Senhora Inácia — disse, então, êle à boa mulher — vou-me outra vez à feira da vila, a mercar mais uma cabra. E depois, passo por casa das pessoas a quem a minha mãe lavava a roupa e peço-lhes que se afreguezem comigo. Se Deus me ajudar, vai ver como a nossa vida muda em breve!...»

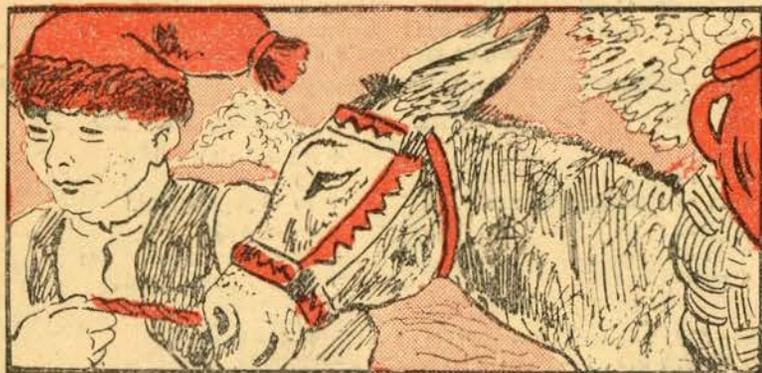
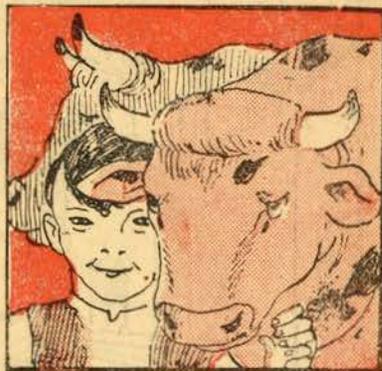
— «A Senhora dos Remédios te ouça, rapazinho!...» — respondeu-lhe a boa mulher.

O Artur foi bem sucedido. Comprou outra cabrinha e arranjou mais freguêses.

Agora era vê-lo, tôdas as manhãs, a caminho da vila, com as suas bilhas cheias de leite, a assobiar alegremente. E à tarde, quando regressava da sua faina, corria ligeiro, a saltitar, para ter o prazer de ouvir tilintar o dinheiro no bôlso.

Como a senhora Inácia continuava a não querer receber dinheiro do Artur, êste, em breve, pôde aumentar o seu negócio.

Comprou mais cabras. E, com a ajuda do burrico que o tio Sebastião Grande com a melhor vontade lhe emprestava, o negócio alargou, porque mais leite o Artur podia levar para venda.



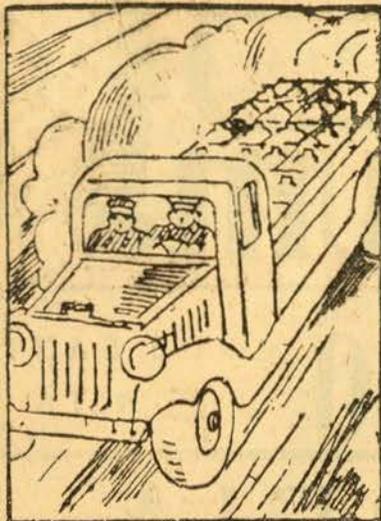
E os meses passavam e os rendimentos cresciam.

E um belo dia o Artur vendeu as cabras e comprou duas vacas.

Mas como sozinho não poderia tratar das vacas e levar o leite à venda, arranjou um ajudante e comprou uma carrocinha e o célebre burrico do tio Sebastião.

E o Artur, nessa altura, já com quinze anos, sentia-se todo inchado quando o ajudante, o *Estrelitas*, bronco mas bom rapaz, lhe chamava patrão.

— «Então, hein? Que lhes parece?» — dizia êle a rir para a mãe e para a senhora Inácia, que embevecidas o contemplavam — Quem tal houvera de sonhar!... Eu cá sou patrão!...»



As duas mulheres desataram a rir, também. A senhora Augusta parecia outra. Contagizada pelo exemplo do filho, tinha conseguido reagir contra a tristeza e o desânimo que dela se apoderaram, quando viu arder a sua casinha.

As notícias que vinham do Brasil eram também um pouco mais animadoras. O marido estava, enfim, empregado numa boa casa e, embora não ganhasse muito, tinha o suficiente para viver sem dificuldades. Mas as saudades da terra e da família não o largavam. Por isso, em tôdas as cartas repetia:

«Logo que eu consiga amealhar algum dinheiro — o que talvez não seja difícil, se Deus me der sempre saúde e trabalho — irei para a vossa companhia. Isto por aqui é muito lindo. Mas... falta-lhe o ar da nossa terra!... E, afinal, eu que vim para cá para trabalhar menos do que aí e ganhar mais, trabalho o dôbro do que na nossa terra e pouco mais ganho. Louvado seja Deus que me abriu os olhos!... Se eu tivesse feito como o nosso Artur adorador, talvez que a estas horas nós gozásemos já outra vida. E eu, decerto, não estaria como estou: velho, doente e cansado!...»

O Artur atingiu os 20 anos. E como era um moço forte, robusto e desempenado, foi apurado para o serviço militar.

A senhora Augusta, quando se despediu dele, beijou-o muito, a chorar, e afirmou-lhe:

— «Podes ir sossegado, meu filho. Tudo correrá como se tu aqui estives-

ses. Com o auxílio do senhor Professor, a quem tu e eu devemos tanto, tratarei da vacaria e vigiá-la-ei com todo o cuidado!...»

Porque, meus amiguinhos, graças ao trabalho e à perseverança do Artur, ajudado pelos conselhos e lições do bom Professor, naquela aldeia da Beira, outrora pobre e insignificante, erguia-se agora uma excelente e grande vacaria, montada com todos os modernos requisitos de higiene. Daqui partiam diariamente duas *camionettes* com bilhas de leite, para o Porto.

E o Artur falava já em montar uma fábrica de lacticínios em ponto grande, inspirado em alguns livros franceses e alemães da especialidade, que o senhor Professor lhe ajudava a traduzir.



Terminado o serviço militar, o Artur regressou à terra. Ao chegar à entrada da aldeia, uma grande e boa surpresa o aguardava:

Todos os habitantes, com as autoridades e as pessoas mais importantes à frente, o esperavam.

Estralejaram foguetes. Tocou a banda que haviam contratado na vila.

De súbito, a um sinal do regedor, tudo se calou. E o Artur viu, então, avançar para êle o senhor Professor, ao lado da senhora Augusta, direita e desempenada, e trazendo pelo braço um velhote, curvado e macilento, a chorar como um *bébé*.

Artur hesitou um instante. Mas, logo em seguida, o reconheceu:

— «Meu Pai!... Meu querido Pai!...»

E os dois abraçaram-se como vidíssimos, num abraço que parecia não querer acabar.

E pouco depois, solenemente, o Artur era conduzido a sua casa. Ali, uma nova surpresa o aguardava: — a sua antiga casa tinha desaparecido. No seu lugar erguia-se uma linda moradia, com esta inscrição em letras doiradas:

«Ao Artur Rapozinho — Oferta dos seus conterrâneos, admiradores das suas extraordinárias qualidades de trabalho, de coragem e de perseverança.»

CHARADAS COMBINADAS

- + os = Confusão
- + to = Animal roedor
- + a = Goma
- + la = Formosa
- + o = Nada
- + lo = Canudo

- + to = Ave
- + ta = Ave
- + la = Habitação de ave
- + ma = Leito
- + to = Apellido
- + po = Cimo

- + ma = Leito
- + va = Poeta
- + to = Jogo infantil
- + to = Ave
- + ar = Ascensão de ave
- + ve = Animal voador

Conceito: — Animais

Decifração do número 544: 1 — Arco; 2 — Corneta; 3 — Roca; 4 — Boneca.
Decifração do número 545: 1 — Saia; 2 — Colete; 3 — Corpete.

A REVOLTA DO MELRO

Por MANUEL FERREIRA

CERTO dia, encontraram-se, num bosque, um melro negro e luzidio e um ouriço velho e sabedor.

O melro entrou a galhofar com o feio bicharôco:

—«Pois é verdade, amigo ouriço. A vida não vai nada boa. Os rapazes andam sempre a perseguir-me...»

—«E olhe que me sucede o mesmo (respondeu o ouriço). Os malditos não me deixam sossegado...»

Dai a pouco, passaram pelo formigueiro. A tia formiga estava armazenando os víveres para o inverno.

—«Boa tarde, vizinha!» — disse o ouriço.

—«Olá! mestre ouriço. Como tem passado?»

—«Olhe, estava a falar com o compadre melro acerca dos rapazes, que não nos deixam em descanso.»

—«É verdade. Ainda ontem, vinha eu com as minhas irmãs, num carrerinho, quando um rapaz desatou a atirar-nos com terra. Perdemos e a minha irmã mais velha partiu uma perna, ficando muito mal. Mandamos até chamar o doutor sapo.»

—«Fizeram bem. Dizem que é um bicho muito entendido.» — observou o melro.

Momentos depois, o sapo assomava à toca do formigueiro:

—«Boa tarde!»

—«Olhe, doutor. Estávamos a falar de si.»

—«Sobre quê?» — perguntou, curioso, o médico.

—«Estávamos protestando contra a rapaziada, que nos faz tropelias.» — piou o melro.

—«Têm razão. Ainda um dia destes, tive de me esconder atrás duma couve, na horta, porque os rapazes vinham a correr com um pau, gritando: — mata, que é peçonhento! —



quando eu, afinal, não tenho peçonha alguma.»

Nisto, passou um lagartixo. Disse o sapo:

—«Ali vai outro infeliz como nós, o parente lagarto.»

O réptil voltou-se. Apertou a patinha do doutor sapo e perguntou:

—«Estão a fazer aí alguma revolta?»

—«Sim.» — (respondeu o melro) — «Uma revolta contra os rapazes.»

—«Isso, isso. Fazem bem. Vão ter com eles que eu trato de me pôr ao fresco. Ainda ontem eu ia ficando sem o meu rabinho...»

Dai a pouco, sob o comando do melro, a tropa dos bichos marchou contra os rapazes.



A certa altura, um bando de garotos apareceu e, ao ver toda aquela bicharia junta, desatou a berrar.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	A	3	
4			R		5
6			B		
			U		
7			S		
			T		
	8		D		

Horizontalmente: 1 — Temperatura elevada do ar; 6 — País europeu; 7 — Afastar; 8 — Natural da Corsega.

Verticalmente: 2 — Relativo à árvore; 5 — Adornados; 4 — Ocultar; 5 — Folha de videira.



O ouriço observou:

—«Tomem nota. O inimigo tremeu à nossa vista. A vitória é certa do nosso lado.»

Passados momentos, os rapazes desapareceram, mas voltaram com reforços, sendo os bichos derrotados.

Apenas o melro e o ouriço ficaram no seu posto e começaram a atribuir um ao outro a derrota...

A questão começou a azedar-se. O ouriço observou ao melro:

—«O melhor é tu podes-te a fugir, não te vá suceder alguma desgraça.»

—«Ora!» — (disse o melro, orgulhoso) — «Eu cá, por mim, sei defender-me...»

—«Faço ideia.» — comentou o ouriço.

Palavras não eram ditas, o melro ouviu dizer:

—«Cá está um!»

Quis fugir mas era já tarde. E lá foi na mão dum rapazote.

O ouriço, ao ver o sucedido, fez-se numa bola e, quando os rapazes o quiseram agarrar, soltaram um grito de dor.

O lagarto, que num rochedo ouvira o que se passou, disse:

—«Vê lá tu, amigo ouriço, se disto não se tira uma lição. Há dias, o melro disse, na loja do doutor grilo, que tu eras nojentó, feio, metias medo e que não sabia a utilidade dos teus picos.»

—«Para que servem?» — (rematou o ouriço, sentencioso) — «Servem para, quando menos o esperamos, fugirmos ao perigo... Mas, deixa lá, amigo lagarto, que ainda hei-de dar uma lição aos malvados rapazes. Esperemos...»

O lagartixo concluiu, então:

—«É bem verdade. As coisas que parece não terem utilidade, livram-nos, às vezes, de grandes perigos... Mas, para a outra vez, não façam uma guerra assim do pé para a mão! Coisas feitas no ar, dão sempre mau resultado.»

BOLINHOS DE AREIA



I — Mimi, tôda de cambraia, e Juca, com leve fato, voltam à vida da praia, com todo a seu aparato.



II — Tendo à mão uma cadeira, balde, fôrmas e uma pá, combinam a brincadeira que maior prazer lhes dá.



III — Com suas fôrmas de fôlha, já a Mimi, volta e meia, com água salgada molha os seus montinhos de areia.



IV — E sôbre a tal cadeirinha com água que o Juca traz a formosa Mimizinha bolinhos de areia faz.



V — Vai o Juca à maré-cheia... Mas já de volta, entretanto, não vendo os bôlos de areia, pergunta com grande espanto:



VI — «Esta agora! E' boa!... Onde fôste pôr os nossos bolos?!...» Mas, nisto, a Mimi responde: — «Onde é que havia de pô-los?!»



VII — Já es comi, a-pesar de não me saberem bem, pois muito os oiço gabar, lá em casa, à nossa Mãi!»



VIII — Volve o Juca: — «Que desgraça! (em face da triste ideia e diz-lhe:) — São doutra massa êsses bolinhos de areia!»



IX — E, numa grande aflição, ficam muito atrapalhados, aguardando a indigestão e os terríveis resultados.

DEVAGAR se vai ao LONGE

POR CESAR AMANDIO MADEIRA

Desenhos do autor

1.º PRÊMIO DO CONCURSO

O Jenica era um menino terrivelmente travesso. Onde ele se visse, não havia uma cadeira que não estivesse de pernas para o ar e todos os objectos de adorno que se encontrassem sobre as mesas, passavam para o chão, fazendo o contrário aos objectos próprios para estarem no chão. Tinha um vocabulário muito seu, não se sujeitando às leis comuns nem a regras de espécie alguma. Assim, para ele: — assoar-se, era «enlenhar-se», visto que nenhuma semelhança existia entre as duas palavras: — assoar e lenço. Comer couves: — «encouvar». Uma

pessoa que caía a um põço ficava «impoçada» etc.

De tanto brincar, chegava a trazer a camisa de fora dos calções; e sua mãe, indignada com tal despropósito, repreendia-o:

— «Então, isso é lá propósito de um menino?! Com a camisa sempre de fora!...»

E ele, com um olhar sonso, respondia submisso:

— «Então, mamã... Eu não tenho culpa.

Ela «imprafora-se...»

Como fazia tudo à pressa, também não admitia que as suas coisas sofressem demora. Quando tinha um fato no alfaiate ou uns sapatos no sapateiro, ninguém parava com ele. De cinco em cinco minutos, pedia à mãe que mandasse saber se já estavam prontos. Um dia esperava umas botas, sem as quais não podia ir jogar o «foot-ball» para o quintal.

O sapateiro prometera mandá-las dali a uma hora.

Ora sessenta minutos, para ele, eram uma eternidade e para sua mãe um suplício de todos os instantes, pois não saía de junto dela.

— «Mamã, já devem estar prontas as botas...»

Mamã já pode mandar a Maria buscar as



botas...» Uma verdadeira cega-rega. Tão apoquentada se viu a pobre mãe do Jenico, que lhe gritou, encolerizada:

(Continua na página 8)

OS POBRES POR FELIZ VENTURA Ao TUNECA PIMENTEL

«Minha mãe, quando, hoje, vinha para casa, a caminhar, achei uma pobrezinha, toda rôta, a mendigar.

A-pesar-de esfarrapado
Todo o fato, que trazia,
O seu rosto era formoso
Mas triste sem alegria.

«Que será, minha mãe?
Caso não terá lar,
na casinha pequena
onde se possa abrigar?»

Será fome ou desventura
Que lhe dá pálida côr?
Será por ser pobrezinha
Que ela sente tanta dôr?»

— «Não, meu filhinho, não é.
No peito dos pobrezinhos
Só há desventura imensa
Por não sentirem carinhos.

Dormem à beira da estrada,
Muitas vezes a chorar,
O travesseiro: uma pedra,
O cobertor: o luar!

São pobres almas, que passam,
Tôdas cheias de saúde,
Pensando no lar desfeito
E na fugaz mocidade.

Com certeza que não sabes,
Filho, o que quero dizer.
Inda és muito pequenino...
Não podes isto entender.

Mas ouve: quando, na rua,
Tu vires um pobrezinho,
Mesmo sem nada lhe dares,
Consola-o, dá-lhe carinho.

(Continua na página 8)

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas pequeninas:

Esta linda toalhinha de chá, feita em linho branco, é tão simples que estará com certeza ao alcance da *ciência* de tôdas as minhas abelhinhas.

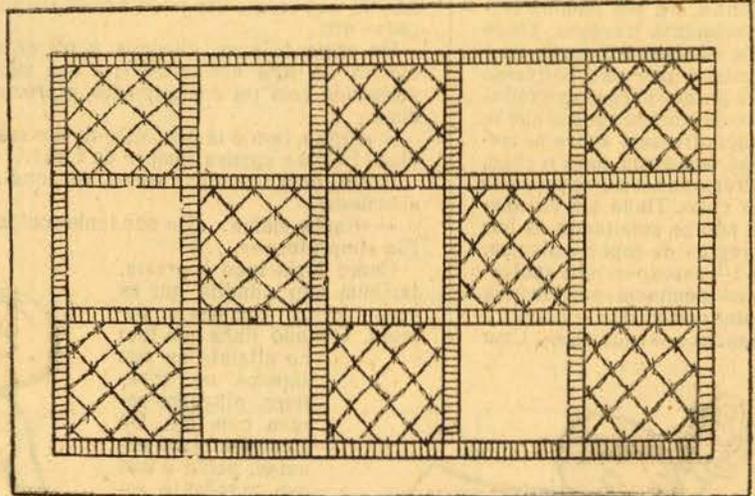
O *ajour*, formando quadrado, torna-a bastante vistosa, no entanto, se atentarmos bem, veremos ser muito fácil a sua execução.

A única dificuldade está em tirar, certos, os fios do *ajour*.

Mas, mesmo esta, resolve-se facilmente, arranjando uma bitola de papel que vos marcará sempre as distâncias iguais.

As linhas cruzadas são feitas em ponto pé de flôr com *filoselle* da côr que mais vos agradar.

Este desenho é tão fácil de aplicar a qualquer tamanho, que vos



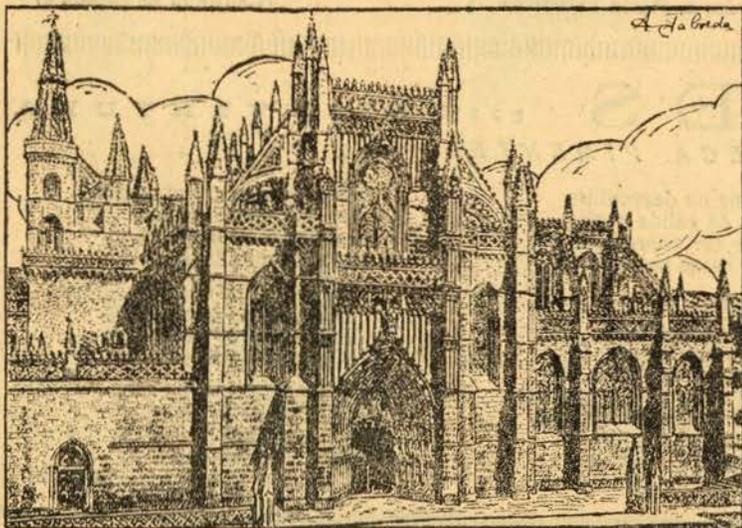
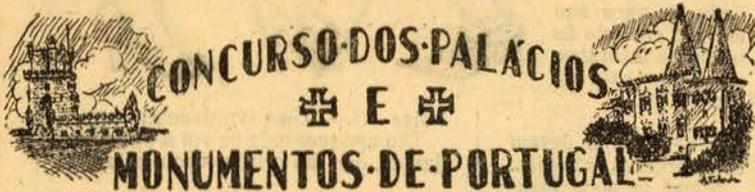
dou de conselho fazer uma toalhinha de 80^{cm} x 80^{cm} e, depois de pronta e muito bem feitiinha, oferecê-la à vossa mamã.

Se sentirem coragem para tão grande empresa, marquem o tama-

nho de 10^{cm} para cada quadrado e assim teremos cada lado com 8 quadrados.

Vossa amiguinha

ABELHA MESTRA



REFERÊNCIA AUXILIAR

Para comemorar a gloriosa batalha de Aljubarrota, mandou D. João I construir o templo que temos presente.

Obedecendo ao estilo gótico-normando, o seu projecto é atribuído a Mateus Fernandes, segundo uns, e a Afonso Domingues, segundo outros.

As chamadas *capelas imperfeitas* — por não terem terminado a sua construção — foram continuadas por D. Manuel I e D. João III que, assim, deram prosseguimento à obra encetada por D. Duarte que foi quem as mandou construir.

Estas capelas em estilo gótico florido, contrastam, em absoluto, pela riqueza de ornamentos e labores, com a simplicidade do monumento propriamente dito.

CONCURSOS MENS AIS

O júri, constituído pelo director d'êste suplemento e pela poetisa Graciette Branco, tendo apreciado meticulosamente todas as produções destinadas aos nossos concursos mensais de Poesia e Contos Infantis, relativos ao mês de Junho findo, louva todos os concorrentes pelo interesse que lhes mereceu esta iniciativa e entendeu de justiça premiar e classificar as seguintes produções:

Poesia

Primeiro prêmio: — Não foi atribuído em virtude da exigência do júri, dado o facto d'êstes concursos serem destinados exclusivamente a adultos.

Segundo prêmio: — «O Programa da Lena» por Nini (Bondade): — C. F. Carvalho, de Barcelos.

Menções honrosas

Com direito à publicação das poesias e dos retratos:

«Lição infantil» — por Glauco: — Luiz Manuel Rodrigues, de Aveiro. «Prêto Katula» — por Dinarco: — Cesar Amandio Madeira, de Coimbra. «Os ladrões e o burro» — por António dos Santos Gonçalves: — «A violeta e o girasol» — por Poeta das Fragas: — Josino Amado, de Urros — «A dobadreira» — por Maria da Saudade: — Maria Diniz Martins, de Lares. — «Pesadelo» — por Neco (Esperança): — Manuel Carvalho, de Barcelos.

Só com direito à publicação do retrato:

«Pelo Natal» — por «Quem tem crianças pequenas» — José Rosado — Barreiro.

Conto

Primeiro prêmio: — «Devagar se vai ao longe» por Dinarco: — Cesar Amandio Madeira, de Coimbra.

Segundo prêmio: — «O prêmio de Honra» — por Airam Ailema Adiemla — Maria Amélia P. Carvalho de Almeida.

Menções honrosas

Com direito à publicação do conto e do retrato:

«O S. João da Princesa» — por Maria Luiza Neves Conceição, de Sabugosa — Beira Alta. «Alma de Marinheiro» — por Mário: — António Feio, de Lisboa. «Brincadeiras» — por Eduardo Sequeira. «Uma aventura de Joãozinho» — por Maneco d'Amalau: — Manuel da Silva Rocha Felgueiras, do Porto. «O Filho do Lenhador» — por Pedro de Jagunto: Pedro Alves de Carvalho. «A história do Farrusco» — por «Pela vida e pela lida»: — Maria Izabel Corrêa, de Cabaços. «Litígio de Sapos» por Faquir misterioso: — Manuel Martins Relego, de Olhão. «Bondade recompensada» por Violeta: — Virgínia Neves Vidal, de Lisboa, e «Uma boa acção» por Alma Nobre: — José Rosado, do Barreiro.

Só com direito à publicação do retrato:

«Risos e lágrimas» por Lirio Verde: Armando Vilela Moraes Pinho. «Maria» por Zé Gaspar — (Candura): — Maria do C. Carvalho, de Braga e «O Milagre dum Sonho», por Fanny: — Idalina Carvalho Rodrigues, de Lisboa.

Advertência: — As razões que levaram o júri a conceder menções honrosas sem direito à publicação das mencionadas produções, baselam-se no facto destas serem literariamente apreciáveis mas não recomendáveis ao espírito em formação dos pequenos leitores d'êste suplemento ou pelo facto de serem demastado longas.

CONCURSO DOS BICHOS

PREMIADOS E CLASSIFICADOS



Maria Isaura Bastos
Pinto Mendes



Maria Lourdes Capela
Silva



Amílcar Silva de Nobre
Neto



Maria Salomé Militão
Martins



Manoela Gomes
dos Santos

DE V A G A R

se vai ao LONGE

(Continuando da página central)

— «Quando fôr tempo, elas virão! Se me tornas a falar em botas, levas dois açoites valentes, e, então, é que não as calças!»

O nosso terrível diabrete baixa a cabeça e retira-se. Pois não decorrera um minuto, volta de novo:

— «Mamá! Se mandasse, agora, a Maria buscar aquelas coisas que têm umas solas, se apertam com uns cordões e... se enfiam nos pés?...»

— «Ah! grande maroto! Eu não te disse que...»

Ele, então, com um sorriso gaiato a brincar na boquita rosada e os olhos claros brilhando de malícia, responde triunfante:

— «Mas, mamã, eu não falei em botas.»

Pois era assim o Jenico como os meninos estão vendo; e continuou a ser por muito tempo, sempre impaciente, o que muito desgostava seus pais.

Na escola, a pressa de chegar ao fim com que fazia tudo, prejudicava-o no conceito dos professores, pois dava a impressão de que não sabia, por expôr as coisas de uma forma diferente da dos outros, e porque, como em pequenito, era indisciplinado.

Mas fez-se homem e era preciso tratar da vida a sério. Quanto lhe custou a moderar o seu temperamento impaciente!... Resolveu ele auxiliar seu pai, que era comerciante, vendendo à comissão. E, assim, indo visitar os clientes que o faziam esperar horas e horas, dignando-se só ao fim delas atendê-lo e ver-lhe os numerosos e lindos artigos do seu comércio, aprendeu a pouco e pouco, a dominar a sua impaciência, compreendendo, por fim, que a paciência é uma virtude sem a qual não se pode ser completamente feliz.



■ F I M ■

PARA OS MENINOS COLORIREM

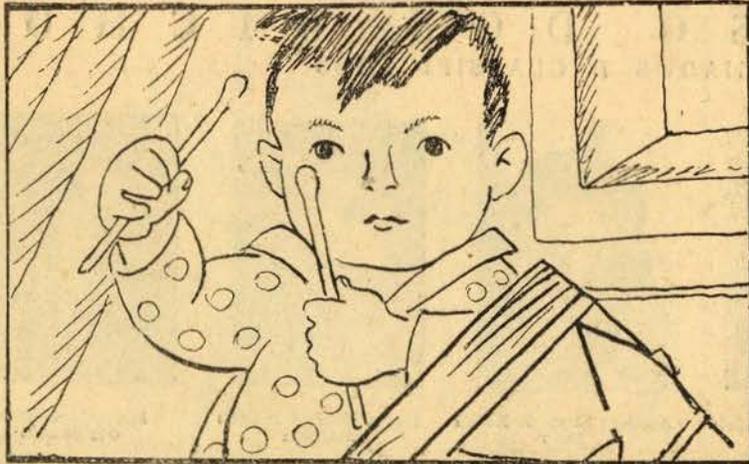
OS POBRES

(Continuado da página central)

Faze-lhe o bem que pudeses,
Não o deixes maltratar,
Para que esse pobrezinho
Não tenha tanto penar.

Sê, na estrada que ele pisa,
Um raio de linda luz
Para que seja mais leve
A sua pesada cruz.

Para, quando deste mundo
Tu'alma fôr a voar,
Ao pé de Nosso Senhor
Teres um lindo lugar.»



■ F I M ■